
PRODUÇÃO DE MAQUIAGENS VEGANAS A PARTIR DE REFERENCIAIS AFROCENTRADOS

Estudantes: Ana Julia de Almeida Neves, Maria Clara Mendes Bacelar, Maria Vitória Elias de Oliveira

Orientadora: Talita Ferreira de Rezende Costa

Escola: Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais - Unidade Uberlândia

Resumo

O mercado de maquiagens ocupa lugar de destaque no cenário econômico brasileiro. Compreendendo a relevância deste mercado o presente trabalho tem por finalidade resgatar as origens históricas da maquiagem a partir de uma abordagem afrocentrada e produzir maquiagens veganas como uma alternativa para uma produção e consumo mais consciente e renovável. Sabe-se que os primeiros registros do uso destes cosméticos foram feitos por povos egípcios, e como as antigas civilizações egípcias eram compostas majoritariamente por pessoas negras, este trabalho propõe um resgate histórico que pode auxiliar a romper com os currículos colonizados que mostram o continente africano destituído de conhecimentos. Considerando a composição racial da população brasileira este resgate ajuda a recontar a história de povos negros a partir de um protagonismo dos próprios negros. Assim foram produzidos, máscara para cílios, delineador e gloss utilizando matéria prima exclusivamente de origem vegetal. As maquiagens produzidas foram expostas na feira do colégio trazendo uma nova visão da origem e tendências de consumo para comunidade escolar.

Palavras-chave: Afrocentricidade, maquiagens, veganismo.

Introdução e justificativa

Segundo informações da ABIPHEC (Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal Perfumaria e Cosméticos) o Brasil é quarto maior consumidor mundial da indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos perdendo apenas para os Estados Unidos, China e Japão. Dentre os produtos mais consumidos pelo brasileiro as maquiagens ocupam lugar de destaque com a quinta posição de preferência dentre todo o universo que contempla esta indústria multimilionária.

Para pensarmos melhor nas dimensões do consumo de maquiagem dentro da cultura dos brasileiros basta fazermos uma busca pelos principais influenciadores digitais e observarmos como é explícita a oferta e propaganda deste tipo de produto, nas nossas redes sociais é muito comum encontrarmos vídeos patrocinados (que são aqueles que o anunciante paga pela divulgação daquele conteúdo) com tutoriais de maquiagem e junto com eles uma série divulgadores e celebridades da internet que acabaram fazendo “fama” devido ao interesse do público que consome este tipo de conteúdo. Portanto a temática por si é muito rica em abordagens que podem ser consideradas para desenvolver este projeto, mas neste caso em específico trabalhamos as origens históricas das

maquiagens a partir de referenciais afrocentrados.

O termo afrocentricidade aparece pela primeira vez em uma obra do pesquisador Molefi Kete Asante em 1980. Em seu trabalho de 2009 retoma o conceito, explicando o mesmo como um tipo de pensamento, prática, e perspectiva que concebe os africanos como sujeitos ativos nos fenômenos, atuando sobre a sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos. A afrocentricidade, segundo o autor, é uma questão de localização, precisamente porque ao longo da história os africanos vêm atuando na margem da experiência eurocêntrica. Conceber uma abordagem afrocentrada é uma proposta de descolonização do que se pretende abordar, portanto constitui uma conscientização política de um povo marginalizado em todos os campos do conhecimento como artes, ciências e tecnologias, é uma reorientação para que estes povos possam aparecer como agentes da história e não como vítimas ou dependentes (ASANTE, 2009).

Assim, iniciamos o resgate histórico das maquiagens. O trabalho de Moraes e Colaboradores (2019) aponta que o hábito de pintar o corpo data de eras pré-históricas quando os homens utilizavam-se de terra, cascas de árvores e seiva das folhas para se adornarem, acredita-se que as pinturas ajudavam a indicar a função de cada uma nas caçadas coletivas. Além disso na antiguidade, muitos rituais incluíam a decoração do corpo como fato indispensável, as pinturas de guerras também são uma herança cultural de longa data.

Os primeiros povos dos quais se tem registro de adornar o corpo com pinturas são os egípcios, que de acordo com o trabalho de GALEMBECK & CSORDAS (2015), estes povos o faziam com sais de antimônio para evitar a contemplação direta do deus Ra, no panteão de deuses egípcios representado pelo sol. Além destes sais os egípcios utilizavam gordura animal e vegetal, cera de abelhas, mel e leite no preparo de cremes para proteger sua pele do clima desértico da região. Ao mencionarmos os registros falamos de achados arqueológicos como hieróglifos e papiros que mostram essa cultura do povo egípcio. A figura 1 ilustra o busto do faraó Tutankamon onde podemos observar os fortes traços contornando os olhos.



Figura 1: Achado arqueológico da tumba de Tutankamon. Fonte: Revista Superinteressante em <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-foi-tutankamon/>>.

Quando falamos nos egípcios é quase inevitável falar sobre a figura icônica de Cleópatra, no qual a própria indústria Holliwoodiana se propôs explorar. GALEMBECK & CSORDAS (2015) apontam que existem registros de historiadores romanos relatando que a rainha frequentemente se banhava com leite para manter pele e cabelos hidratados. A indústria cinematográfica e a própria história da civilização contada a partir de referências eurocêtricas, construíram um imaginário que os povos egípcios possuíam pele clara. Em sua obra *Uma origem africana da filosofia*, ASANTE (2014) fala sobre os livros de história que originam suas narrativas a partir dos gregos, que são considerados como berço civilizatório, e ignoram relatos que falam sobre a pele negra dos egípcios na África, e principalmente sobre uma origem africana da própria civilização. Acredita-se que os gregos foram à África para estudar e posteriormente iniciar a era de ouro grega. Os egípcios, que eram negros, possuíam vasto desenvolvimento em medicina, matemática, geometria artes e arquitetura entre outros conhecimentos. De acordo com ASANTE (2014), a retórica que nega a capacidade da África foi desenvolvida para camuflar a desapropriação da África.

Deste modo temos algumas concepções que são perpetuadas ao longo da história contribuindo para uma visão de África estigmatizada. É mais fácil atribuir a construção das pirâmides a seres de outros planetas do que conferir crédito ao povo negro. Assim as figuras de destaque são silenciadas reduzidas e embranquecidas pela história, os conhecimentos foram negados e muitos apropriados sem o devido crédito, como foi o caso de Pitágoras que passou um longo tempo estudando na África antes de propor seu famoso teorema (ASANTE, 2014).

A Figura 2 ilustra Cleópatra em duas visões: a primeira é construção cinematográfica embranquecida mundialmente famosa e a segunda é a versão de pele negra pouco conhecida.



(a)



(b)

Figura 2: Versão cinematográfica de Cleópatra (a) e versão proposta por historiadores (b).

Fonte: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/conheca-o-verdadeiro-rostode-cleopatra.phtml>>.

O principal pilar deste projeto é falar das maquiagens a partir de uma herança africana produzida por povos negros. O segundo passo é pensar em formas de produção e consumo consciente, portanto adotamos a produção vegana. O veganismo é um estilo de vida que tem ganhado muitos adeptos pelo mundo, a essência é não utilizar nenhum produto de origem animal prezando sempre os meios de produção de menor impacto no meio ambiente, este estilo se aplica a alimentação, vestuário e produtos de cuidado e higiene pessoal.

O Brasil recebeu pelo menos um terço do total de africanos que foram escravizados na maior migração que a história da humanidade conheceu. Estas pessoas chegaram ao Brasil destituídas de qualquer traço de dignidade humana, sendo o Brasil um dos últimos países a abolir a escravidão nas Américas, os escravos libertos começaram a ocupar as periferias dos vilarejos que mais tarde viraram cidades, nenhuma ação de reparação foi tomada durante anos. Os negros começaram a oferecer seu trabalho em troca de alimentos, as mulheres negras viram empregadas domésticas e os homens vão trabalhar em serviços pesados, iniciando o ciclo de pobreza e exclusão que perpetua até os dias atuais. De acordo com os dados do IBGE temos em torno de 50% da população brasileira que se auto declara como pretos e pardos, grande parte dessa população vivem em áreas periféricas com baixa escolaridade. Recontar a história que nos foi apresentada é antes de tudo uma forma de minimizar a invisibilidade dos povos negros abrindo caminhos para se trabalhar o racismo na comunidade escolar de forma mais efetiva (BERNAL, 1987; DIOP, 2013; KLEIN, 1987).

Objetivos

O presente trabalho tem por objetivo geral produzir maquiagens veganas e discutir os aspectos históricos da origem da maquiagem a partir de referenciais afrocentrados. E tem-se como objetivos específicos:

- Resgatar as origens da maquiagem e falar sobre a influência da África e de povos negros neste hábito;
- Apresentar o veganismo como hábito saudável e sustentável para a vida do homem e do meio em que está inserido;
- Produzir maquiagens utilizando matérias primas de origem vegetal utilizando preferencialmente as de origens africanas;
- Discutir as relações de consumo levando em consideração os recortes raciais.

Metodologia

Optamos por produzir três maquiagens: Mascara para Cílios, Delineador e Gloss. Iniciamos o processo fazendo busca nos sites que promovem o veganismo e dão receitas caseiras desses produtos, feito isso iniciamos os testes para produção das maquiagens e por fim chegamos às seguintes receitas:

Mascara para cílios:

- 1 colher de chá de óleo de coco;
- 1 colher de sopa de Aloe vera em gel;
- 3 cápsulas de carvão ativado.

Delineador:

- Carvão vegetal;
- Óleo de coco suficiente para umectação;
- Parafina para dar consistência.

Gloss:

- Óleo de coco;
- Giz de cera (cores variadas).

Resultados e Discussão

Para apresentação foi montado um stand com as maquiagens produzidas, e para dar visibilidade ao longo da escola foram espalhados cartazes convidando os visitantes para conhecer

a história das maquiagens.



Figura 4: Imagem do cartaz que foi distribuído na escola convidando os visitantes a conhecer o estande de maquiagens veganas. Fonte: os autores.

Os visitantes puderam conhecer e testar os produtos que foram desenvolvidos neste projeto e conhecer uma origem desconhecida de povos negros. O projeto foi avaliado por uma equipe técnica e pela comunidade e recebeu a nota máxima nos conceitos de relevância e contribuição para formação de novos saberes.

Conclusões

Os debates a cerca de uma nova reestruturação dos saberes no âmbito escolar são de extrema importância para modificar os estereótipos que foram marcados ao longo dos tempos. A colonização brasileira e o processo escravocrata estruturaram muitas relações de poder perpetuadas até os dias atuais. Quando propomos um resgate histórico a partir de referenciais afrocentrados possibilitamos uma quebra de paradigmas, e a partir do momento que construímos uma nova visão da contribuição dos povos negros em nossa cultura, saindo da condição de vítimas para assumir protagonismo abre-se a possibilidade de requerer o devido espaço na construção da sociedade. Até o presente momento só temos a versão eurocêntrica que subjugou, explorou e silenciou, assim temos melhores condições de debater e combater o racismo. A comunidade se mostra receptiva a conhecer mais sobre a nossa herança negra então o papel da escola é responder a demanda.

Referências

ABIPEC. **Panorama da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos para 2019.**

Disponível em: <<https://abihpec.org.br/publicacao/panorama-do-setor-2019/>>. Acesso em: 06 ago. 2019.

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar.** In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro Edições, 2009.

_____. **Uma origem africana da filosofia: mito ou realidade?** Capoeira: revista de humanidades. Vol. 1, n.1, 2014.

BERNAL, Martin. **Black Athena: the Afroasiatic Roots of Classical Civilization.** Vol 1: The fabrication of Ancient Greece 1785-1985. London: Free Association Books, 1987.

DIOP, Cheikh Anta. **Origem dos antigos egípcios.** In: MOKHTAR, Gamal (Ed.) História geral da África II: África antiga. Brasília : UNESCO, 2013.

GALEMBECK, Fernando; CSORDAS, Yara. **Cosméticos: a química da beleza.** 2015.

Disponível em:

<http://web.ccead.pucrio.br/condigital/mvsl/Sala%20de%20Leitura/conteudos/SL_cosmeticos.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2019.

KLEIN, Hebert S. **A demografia do Tráfico Atlântico de Escravos pelo Brasil.** Estudos Econômicos. v. 17. p 129-147, 1987.

MORAES E COLABORADORES. **Cosmetologia: Origem, Evolução e Tendências.** 2019.